



ST13. CULTURAS, IDENTIDADES E RELIGIOSIDADES AFROBRASILEIRA, INDIGENA E CIGANA

892

LEGADOS CULTURAIS DOS AFRODESCENDENTES NO BRASIL: FESTAS, DANÇAS E RELIGIÃO

Jose Pereira de Sousa Junior¹

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre algumas heranças culturais deixadas pelos negros e negras no Brasil e que ainda hoje se fazem presente na cultura brasileira. Para isso, nossa reflexão esta centrada nas festas, danças e religiões, em especial o candomblé. As festas, os batuques, as congadas e danças como umbigada, lundu, maxixe e outros fizeram parte do cotidiano dos africanos em terras brasileiras, reafirmando sua cultura e construindo sociabilidades e mesmo no pós abolição estas manifestações ainda está presente na cultura brasileira. A religião, como o candomblé mesmo sendo perseguida e alvo de intolerâncias representa o que temos de mais singular no que tange a nossa cultura, aspecto marcante da cultura religiosa e do processo de afirmação de nossas raízes identitárias.

Palavras-Chave: Festas. Danças. Religião.

Entre os diversos espaços geográficos em que negros e negras foram colocados fruto do trafico negreiro, africanos e seus descendentes encontraram na religião em especial no candomblé, nas festas, nas danças e nas irmandades religiosas um espaço onde podiam se reunir de forma mais ou menos autônomas, reconstruindo identidades e fortalecendo laços de afetividade e culturais. Ao longo do período colonial e imperial, as irmandades transformaram-se em espaços religiosos onde novas regras de sociabilidades foram redefinidas e novas alianças foram construídas em torno da devoção, das festas, das procissões, dos funerais, missas e caridades mútuas.

Além da devoção, outro importante momento vivido nos terreiros de candomblé e dentro das irmandades eram as festas em homenagem a um santo ou santa da invocação daquela irmandade e que eram chamados de oragos. Este é o principal momento para a diversão, a socialização e troca de idéias, além de poder ter a possibilidade de aumentar suas receitas com a venda de quitutes, bebidas ou “leilões”. No dia da festa também são

¹ Mestre em Historia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Doutorando em Historia pela Universidade federal de Pernambuco – UFPE; Professor Substituto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – CERES/UFRN; Membro colaborador do Nucleo de Estudos Afrobrasileiros e Indigenas – NEAB-Í/UEPB.

recolhidos vários tipos de contribuições como, por exemplo: a taxa de inscrição, a contribuição anual e uma grande quantidade de doações feitas por proprietários de terras, comerciantes, políticos etc.

Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural. Assim se configuram as festas brasileiras desde os primeiros séculos de colonização. O espaço de sociabilidade, para a maior parte da população, se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os grandes momentos de interação social eram as festas religiosas.

As práticas católicas eram marcadas por efusivas manifestações de fé visíveis nas missas com corais, nas procissões e repletas de alegorias com músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício. A estas características, Mary Del Priori (2002) acrescentou outras: um local de luta, de violência, controle e manutenção de privilégios e hierarquias, sem esquecer as contribuições culturais dos negros e dos ameríndios, num leque de expressões religiosas híbridas.

José Ramos Tinhorão (2000) avalia que, somando-se, naquela ocasião, os dias santificados, domingos e os dias dos santos padroeiros da cidade, da vila ou da freguesia, o resultado era que as festividades promovidas pela Igreja Católica totalizavam um terço do ano (TINHORÃO, 2000, p. 8-9). Nessas ocasiões, era comum a participação não apenas dos moradores locais, como também dos arredores que, compondo as diversas irmandades, organizavam os eventos, sobretudo para celebrar os seus santos protetores.

As festas organizadas pelas irmandades, mesclavam as missas, os sermões, as novenas e procissões com danças, coretos, fogos de artifício e bebidas. Ao clero cabia a celebração dos sacramentos. Para João José Reis (2004) essas ocasiões representavam rituais de intercâmbio entre homens e divindades em que os limites do profano e do sagrado se tornavam mais tênues.

As cidades e as vilas, em seu conjunto, se tornavam um palco de sociabilidades numa época em que grandes distâncias separavam a população e os transportes eram pouco abundantes. Somado a isto, face aos poucos recursos de uma parcela considerável da população, as festas eram, possivelmente, as únicas oportunidades de descanso, prazeres e alegria, confraternização e divertimento, além de fornecerem importantes elementos acerca do fenômeno de circularidade cultural, defendido por Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg.²

As festas religiosas se tornaram acontecimentos ímpares, como por exemplo, a da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos realizada em várias Províncias do Brasil como Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco e Paraíba. Por um lado, as festas eram representações diretas da sociedade da qual faziam parte, ao mesmo tempo, eram válvulas de escape das tensões que estas mesmas sociedades engendravam e, em muitos de seus aspectos, eram manifestações inversas do quadro social onde estavam inseridas. Neste jogo de oposições, as festas eram, acima de tudo,

² Especialmente em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Edunb, 1993 e *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

mecanismos de reforço dos laços sociais, pois cumpriam um duplo papel, tinham um aspecto pedagógico, ensinando aos indivíduos o papel que eles ocupavam e também relaxavam das contradições existentes na sociedade.

As festas religiosas, como fenômeno cultural, têm sido redescobertas e revitalizadas como um fértil campo de investigação histórica, transcendendo sua visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva. As festas revelam um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. Por instantes, o tempo dos relógios é suspenso, o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina que permite a reconciliação de todos com todos.

Contudo, as festas organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros, ou outros de devoção, eram o momento máximo da vida dessas associações. Para desgosto de muitas autoridades civis e religiosas, preocupadas com a continuidade da ordem e com o não cumprimento das determinações tridentinas, essas festas costumavam confundir as práticas sagradas e profanas, tanto nas comemorações externas como nas que eram realizadas dentro das igrejas.

As festas promovidas pelas irmandades aconteciam durante vários dias, desenrolando-se inúmeras formas de conagração. Os festejos começavam a partir de seu anúncio, que ocorria com as andanças de arautos, muitas vezes mascarados, percorrendo as ruas e vielas. Seu objetivo era atrair a atenção dos passantes e chamar o público para a festa.

Nestes momentos, os arautos destacavam-se da multidão pelos trajes coloridos ou elegantes, além da utilização das *opas*³ vermelhas, ou brancas ou azuis, dependia da irmandade a qual pertencia, como bem afirma o Compromisso da irmandade do Glorioso São Benedito erguido na Cidade da Paraíba do Norte em 1866, **no capítulo 2º, artigo 3º**, *Os irmãos usarão geralmente em todos os atos da irmandade de opa de cor branca e murça roxa, e o irmão juiz trará de mais uma vara prateada.* (Arquidiocese do Estado da Paraíba).

O sucesso de público estava diretamente ligado à atuação destes emissários, sua possibilidade de arregimentar as pessoas para a festa e fazer a notícia circular o mais longe possível. Para isto, eles tinham que se diferenciar da multidão pelo excesso de luxo ou gestos, que faziam despertar o interesse da população em participar das festividades. Mary Del Priori (2002)⁴ ressalta que o caráter oficial destes eventos transpareciam no luxo destas figuras, pois a festa era sempre concessão do Estado e estava sempre ligada ao calendário real ou religioso.

Esta presença do Estado, se por um lado, na suntuosidade dos trajes estava apenas sugerida, em outras vezes ficava evidente. Essa constatação de Del Priore, mesmo sendo referente ao período colonial, nos revela que esta herança religiosa chegou também com toda força e tradição nos séculos seguintes como bem observou Martha Abreu quando afirma que;

³ **OPAS** – capa sem mangas, com aberturas para os braços, usada pelos integrantes das irmandades.

⁴ DEL PRIORE, Mary Lucy. Festas e utopias no Brasil colonial; São Paulo: Brasiliense, 2002.

O século XIX recebeu de herança o que ficou conhecido por “religiosidade colonial” ou “catolicismo barroco”. As práticas católicas eram marcadas pelas espetaculares manifestações externas da fé, presentes nas pomposas missas, “celebradas por dezenas de padres e acompanhadas por corais e orquestra”; nos “funerais grandiosos, nas procissões cheias de alegorias” e nas festas, onde centenas de pessoas das mais variadas condições se “alegravam com a música, dança, mascaradas e fogos de artifício” (ABREU, 1999, p. 33).

E continua;

As festas, organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros, ou outros de devoção, eram o momento máximo da vida dessas associações. Para desagrado de muitas autoridades civis e religiosas, preocupadas com a continuidade da ordem e com o não cumprimento das normas litúrgicas, tais festas costumavam confundir as práticas sagradas com as profanas, tanto nas comemorações externas como nas que eram realizadas dentro das igrejas. Além das missas com músicas mundanas, sermões, te-déuns, novenas e procissões, eram partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas. Ma maioria delas a população escrava e/ou negra não perdia a oportunidade para mostrar suas músicas, danças e batuques. (ABREU, 1999, p. 34).

Acreditamos, que no âmbito religioso e dentro de sistemas muito peculiares de relações entre o sagrado e o profano, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, por exemplo, propiciaram aos cativos e libertos espaços importantes para a prática de crença e culto. As festas religiosas distribuídas ao longo do calendário litúrgico da Igreja propiciavam a sociedade escravocrata exercer algum tipo de controle social, ajudado pelo poder eclesiástico, pois como muitos compromissos demonstram a participação ativa dos párocos (também conhecidos á época como Capellão) nas festividades, nos enterros e missas encomendadas pelos irmãos ou ocorridas dentro das irmandades de negros, estas celebrações eram realizadas por párocos locais e que recebiam pagamento pra isso, e que já estava dentro do orçamento da irmandade, vejamos o que nos diz o compromisso da irmandade de Nossa Senhora do Rosário erecta na Capital da Parahyba do Norte, datada de 1867;

Capítulo 19 – Do Capellão

Artigo 64 – Logo que for possível esta irmandade terá seo Capellão a qual terá por obrigação o seguinte.

\$1º - Acompanhar com a Irmandade até o cemitério o cadáver de qualquer irmão, que haja falecido, e encomenda-lo.

\$2º - Acompanhar a Irmandade nos actos festivos, quer na Igreja do Rosário e quer em outra qualquer, a tiver a irmandade de comparecer.

\$3º - Celebrar todos os sabbados, domingos e dias santos, applicando as missas desses dias em suffragios dos irmãos vivos e defunctos.

§4º - Prestar-se a confessar os irmãos desta Igreja que n'ella quiserem também commungar, para ganharem em dias de jubileos as graças, que lhe estão concedidas pelos Ilustríssimos Pontíficeos.

Artigo 65 – A Irmandade em Mesa marcará os vencimentos, que deverá ter o Capellão, cujos pagamentos serão mensalmente feitos.

No entanto, não devemos achar que estas festas eram sempre realizadas em clima de afetividades, pois às vezes ocorriam conflitos esporádicos ou mesmo conflitos de maior permanência e gravidade, isto quando as irmandades marcadamente de negros queria tomar as rédeas dos festejos sozinhas ou sem o consentimento e participação das autoridades, isto pra elas talvez soasse como afronta a ordem social estabelecida e desejada pela hierarquia de senhores, padres e governo.

Porém, as festas também abriram a possibilidade de maior mobilidade social entre os cativos, mesmo que fosse somente em dias de festa, uma “liberdade efêmera”, mais desejada e muito bem aproveitada. José Ramos Tinhorão (1972)⁵, afirma que “foi em nome dos festejos de santos e de acontecimentos de Igreja que os escravos tiveram acesso aos seus dias de folga e de festa” (TINHORÃO, 1972, p. 34).

Vale salientar, que a permissão para a realização das festas religiosas traduzia a preocupação da igreja em atrair os africanos e seus descendentes, talvez por isso aceitassem seus costumes, embora com ressalvas e desde que pudessem adaptar-se ao catolicismo, recebendo uma nova interpretação e sentido. A igreja permitia que os negros participassem das festas, das procissões e possivelmente das danças, pois a dança era considerada uma maneira de glorificar Deus. Nas palavras de Mary Del Priore, depois do Concilio de Trento tais danças tornaram-se um elemento para enriquecer e ornar as formas externas do culto católico (PRIORE, 2002, p. 55).

È bem verdade, que este consentimento era conseguido mediante muita negociação entre senhores e escravos, e ao mesmo tempo em que concedia esta folga e participação dos escravos nestes festejos, o senhor passa a ter um controle sob seus cativos, isto é, concedendo algo que pra os negros era importante e ao mesmo tempo o senhor participava das festas com seu olhar vigilante, atento a qualquer possibilidade de fuga do seu escravo.

Nesse sentido, devemos compreender que a presença de escravos em irmandades foi possível devido às negociações entre senhores e escravos. Isso porque, ao se tornarem confrades, mantendo associação própria e aceita pela irmandade, em alguns momentos os negros se colocavam fora do alcance senhorial, uma vez que suas obrigações de compromisso como, por exemplo, comparecimento aos enterros, presença nas missas dominicais e nas festas devocionais, não podiam ser obstruídas pelos seus donos, sob pena de sofrer alguma repreensão eclesiástica ou mesmo pelos irmãos da própria irmandade. Para a Igreja, a presença dos negros em atos religiosos era sinal de sua conversão ao cristianismo (SCARANO, 1978, p. 82).

As festas religiosas eram controladas e dirigidas pelas irmandades, incluídas em uma esfera de legitimidade religiosa muitas vezes controlada pela própria Igreja Católica. Mesmo ocorrendo este controle, as irmandades constituíram-se como

⁵ TINHORÃO, José Ramos. Música popular dos índios, negros e mestiços. Petrópolis, Vozes, 1972.

agenciadoras e patrocinadoras das vivências sociais e culturais de libertos e cativos, organizando suas estratégias de participação da vida social dos espaços em que existiram, e as festas servia e era utilizada estrategicamente para inserir estes homens e mulheres de cor na sociedade, torná-los visíveis e participantes ativos do meio social e cultural. De acordo como Marina de Mello e Souza (2006);

As irmandades foram elementos fundamentais no exercício da religiosidade..., caracterizada pelo culto aos santos, pelas devoções pessoais e pela pompa das procissões e festas, marcada pela grandiosidade das manifestações exteriores da fé, na qual conviviam elementos sagrados e profanos. (SOUZA, 2006, p. 184).

A concessão aos escravos de oportunidades para o exercício de atividades lúdicas que muitas vezes disfarçavam seus rituais religiosos era interessante para o cativo para quebrar a monotonia do trabalho árduo e diário. Esses momentos eram extremamente necessários para que os negros liberassem seus valores sociais e culturais marcados pela dureza do seu cotidiano, sendo importante para sua afirmação enquanto ser humano, afinal como afirma Marcus Carvalho⁶, “[. . .] a festa, o lazer, os abnegados gastos com a irmandade ou a bebedeira com os amigos eram momentos em que os cativos pertenciam” (CARVALHO, 2002, p. 253).

Entre intolerâncias e muitas vezes intransigências, as festas ocorriam e eram vistas como um momento importante para as irmandades, pois ali era depositados sentimentos, vaidades, esperanças, alegrias, demonstração de poder e porque não dizer vaidades. As festas na verdade, transitaram entre o controle e a tolerância, pois muitas atitudes dos agentes da ordem dependiam da possibilidade e da necessidade da vigilância sobre estas práticas culturais que eram dirigidas por negros e negras, seja cativo ou liberto, mesmo tendo a participação de brancos, o controle existia.

A partir dos compromissos, podemos observar que era no interior das irmandades de Nossa senhora do Rosário que os reis e rainhas eram eleitos, aspecto que evidencia as relações dessas instituições com o universo do sagrado. Portanto, era no seio de suas irmandades que os negros tinham encontrado abrigo para manter seus costumes, práticas devocionais e suas festas. Como afirma Roger Bastide⁷;

O sincretismo religioso se fez dentro das confrarias e é ali que se mantém a tradição africana, pela possibilidade de união e de conservação da própria língua e por outros fatores semelhantes, não podemos esquecer que essas associações deram ao negro uma oportunidade de manifestar sua religiosidade, unindo os santos católicos aos seus, as tradições e crenças dos brancos às suas. O negro encontrou nas confrarias oportunidades de reavaliar e desenvolver suas tendências místicas e associativas, dar vazão ao seu sentimento religioso e social. (apud, SCARANO, 1978, p. 112)

⁶ CARVALHO, Marcus J. M. de . Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo, Recife, 1822-1850. Recife: Editora UFPE, 2002.

⁷ BASTIDE, Roger. As religiões negras no Brasil, São Paulo: Pioneira/Edusp, 1971.

Embora não tenhamos fontes seguras para fazer tal afirmação, acreditamos que depois de realizadas as eleições, as festividades continuavam pela tarde e noite adentro, com seus batuques e “danças teatrais” como assinalou Roger Bastide, que faz uma bonita e interessante descrição de um ritual que envolve alegria, poder, guerra, morte, ressurreição e hibridismo cultural. Vejamos então;

Essas danças são de três tipos: os cortejos, que constituem verdadeiras procissões da corte africana (rei, rainha, porta-estandarte, damas da corte), acompanhados de tamborileiros, que desciam para a cidade para dançarem diante das casas dos notáveis; as procissões, com as embaixadas, em que o rei e a rainha do Congo se instalam na praça pública a fim de receberem as embaixadas dos reis de Angola, Moçambique e, particularmente, a rainha Ginga; enfim, em última versão, o embaixador, vindo de um povo pagão, traz ao rei do Congo cristão a escolha entre a submissão e a guerra, o rei do Congo escolhe a guerra; trava-se uma grande batalha entre dois grupos de dançarinos e, durante tal batalha, o filho do rei do Congo é morto, apela-se para um feiticeiro (Quimboto) que ressuscita o morto; a batalha recomeça, os pagãos são, finalmente, vencidos e pedem, então, o batismo cristão. A festa acaba com cânticos em honra da virgem e dos santos de “cor” (BASTIDE, 1974, p. 169-172).

Edison Carneiro foi o primeiro autor a tentar uma abordagem classificatória das Danças herdeiras do “Batuque Congo-Angolês”, agrupando-as num grande complexo Nacional dos “Sambas de Umbigada”. A umbigada ou a menção desse gesto, característico de danças de lúdica amorosa banto-africanas (por vezes associadas às cerimônias de noivado, o lembamento), seria o traço de união entre essas manifestações geograficamente dispersas. Carneiro menciona 30 diferentes danças, em 11 Estados brasileiros.

Também recorrente nos batuques é o fato de se situarem, muitas vezes, num contexto liminar sagrado/profano. Em outras palavras, a atitude religiosa permeia organicamente a festa aparentemente profana, e manifesta-se no respeito aos tambores, ancestrais e outras entidades espirituais (atualmente, também as do Candomblé e da Umbanda), bem como nas demandas poéticas de caráter mágico travadas entre os participantes. Os batuques ou sambas de terreiro, cuja existência em muitos casos é anterior à formação dos candomblés Congo-Angola, podem ter agregado elementos de antigas formas religiosas banto no Brasil.

As danças de terreiro designadas batuques, são qualificados via de regra como diversão “desonesta”, sobretudo pelos representantes do poder político, administrativo e religioso, manifestando-se o temor de que se tratasse de rituais pagãos e atuassem como fermento de desordem social e revoltas. No pólo oposto colocam-se os festejos públicos dos Reis Congos (congadas), considerados “diversão honesta” para os escravos e incentivados pelos senhores.

Tratam-se de dois aspectos complementares da festa negra no Brasil: no terreiro, a celebração intra-comunitária, recôndita, noturna, onde se reforçam, sem grande interferência ou participação do branco, os valores de pertencimento a uma matriz cultural e religiosa africana; na rua, a festa extra-comunitária, em que o negro, através

das danças de cortejo, busca inserir-se nas festividades dos brancos e ganhar certa visibilidade social, mediante a adoção de valores religiosos e morais da classe dominante.

Segundo João José Reis⁸, podemos dividir as festas dos batuques em duas perspectivas. Aqueles que viam nela uma forma de ensaio para as revoltas, a repulsa moral e religiosa, que depois se transforma em medo após a revoltas dos males e a concentração de um maior numero de escravos de mesma origem especialmente os nagôs, e novamente se transformará, passando a ser preocupação com a resistência cotidiana, em especial a fuga temporária e a vagabundagem, que poderia ser favorecida pelas festas. E numa outra perspectiva, mais flexível via nas festas uma forma de evitar as revoltas e os controlá-los, pois assim eles estariam menos propícios a se rebelarem, e também era um modo de assegurar algum direito civil para os negros.

Considerações finais.

Acreditamos que o fato de muitos negros e negras se associarem em irmandades de devoção cristã e serem submetidos á fiscalização da Igreja e do Estado, não significou o abandono de suas culturas religiosas e seu potencial de resistência ante a escravidão. Suas festas, suas danças e batuques podem ser compreendidas tanto como o auge da vivencia religiosa, bem como estratégico no esforço de manter suas uniões grupais, sem as quais suas vidas estariam muito mais expostas ás adversidade do cativo e das exclusões sociais.

O destaque dado ás festas devocionais é um exemplo de vivencia religiosa, característica da cultura barroca, marcada pelo prazer em contemplar a exuberância das imagens, das músicas, das missas e das procissões com badaladas de sinos e queima de fogos. No caso das irmandades negras, além disso, tal destaque está relacionado á própria existência de seus associados, pois os festejos dedicados ás suas devoções lhes permitiam uma liberdade temporária, fragmentada que se contrapunha á realidade a eles imposta pela escravidão, o que ajuda a explicar o seu empenho em organizar e participar da festas.

As festas de candomblé vão ser sempre uma forma de discussão em relação à sua representação e seu papel na sociedade. Havia uma multiplicidade de interpretações sobre as festividades negras: muitos a entendiam como meio de expressão da resistência escrava e negra no Brasil, outros condenavam assinalando-as como ensaio das revoltas, mas havia quem entendia como meio de controle social dos escravos, e alguns defendiam as festas como forma de liberdade do africano, ainda sim, as manifestações religiosas, as danças e outras expressões ritualísticas foram e são importantes para a afirmação da identidade cultural de um povo, uma sociedade.

REFERENCIAS

⁸ REIS, João José. Batuque Negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista. In: JANCSÓ, István & KANTOR, Iris. **Festa**: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Edusp, 2001, p. 339-358.

ABREU, Marta. **O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900**. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/Fapesp. 1999.

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. **O sexo devoto: normatização e resistência feminina no Império Português XVI-XVII**. Recife:Ed. Universitária/ UFPE. 2005.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo, pioneira/USP, 1971. Volumes 1 e 2.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro, Campanha de defesa do folclore brasileiro, 1978.

_____. **A festa do santo preto**. Rio de Janeiro/Funarte/Instituto nacional do Folclore; Goiânia – UFG, 1985.

CARNEIRO, Edison. **Folguedos Tradicionais**. Rio de Janeiro, Conquista, 1974.

CERTEAU, Michel de. **“Culturas Populares”**. in: *A invenção do cotidiano I; artes de fazer* - Petropolis, RJ: vozes, 1994.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial** – Rio de Janeiro: Quartet – FAPERJ, 2008.

PRIORI, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

QUINTÃO. Aparecida Antonia. **Lá vem meu parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII)**. São Paulo, Fapesp. Editora Annablume. 2002.

_____. **Irmandade Negras: Outro espaço de luta e resistência** – (São Paulo: 1870-1890). São Paulo, Fapesp. Editora Annablume. 2002.

REIS, João José. **A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revoltas populares no Brasil do século XIX**, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. **Batuque Negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista**. In: JANCSÓ, István & KANTOR, Iris. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 339-358.

SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII-XIX**, São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1975.

SOUZA, Marina de Mello. **Reis Negros no Brasil Escravista: Historia da Festa de Coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Império em procissão: ritos e símbolos do Segundo Reinado**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed, 2001.

NEVES, Lúcia Maria Bastos & MACHADO, Humberto Fernandes; **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

TINHORÃO, Jose Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo, Editora 34, 2000.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas- SP, Ed. Unicamp, 2001.

ZALUAR, Alba Maria. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.